

Barracos aparecem do dia para a noite

DF - Migração



A miséria de dezenas de migrantes nordestinos continua se alastrando pelo Plano Piloto. São barracos feitos de madeira ou papelão, ocupados por quem chega a Brasília na esperança de dias melhores. Crianças nuas brincam ao redor do lixo, enquanto os adultos se encarregam de fazer um biscoito e dividir entre os familiares a escassa alimentação cedida pelos privilegiados habitantes das superquadras.

Por volta das 17h de ontem, no gramado que divide o Eixão Norte e o Eixo W, na altura da 115 Norte, havia uma lata velha contendo um amontoado de peles de frango que estava sendo preparado por Maria Rosa Lima da Silva, viúva, de 42 anos. Há 15 dias em Brasília, Maria veio de carona do município baiano de Irecê, acompanhada de seus seis filhos, sendo que hoje a maioria deles encontra-se espalhada pela cidade. Ela conta que levou um mês para concluir a viagem e que parou em Brasília por acaso. "Lá onde eu morava não havia serviço para mim. Decidi pegar a estrada e acabei chegando aqui".

Maria reside em um barraco feito à base de papelão, em companhia de sua filha Maria Leila de Lima, de 22 anos, mãe da menina Tatiana, de apenas um ano e quatro meses. Tatiana perambulava pelo gramado totalmente despida e coberta por várias feridas no corpo. Enquanto isso, seu pai, de nome Marcos, saía com os amigos em busca de trabalho.

O barraco onde mora Tatiana e a família tem uma espécie de anexo, que abriga Luiz do Nascimento da Silva, de 77 anos. Ele está em Brasília há 15 dias e veio do município cearense de Iguatu, juntamente com mais oito companheiros, que daqui partiram para o Mato Grosso do Sul. Luiz garante que veio a pé de sua terra natal e que sua peregrinação começou há quatro meses. Vim caminhando. Olhe só para os meus pés calejados, parecem mais um sapo pururu de tão inchados que estão. Desde que saí do Ceará não consegui uma calção sequer", observou.

Ceub — A pobreza voltou a reinar na 908 Norte, no terreno antes ocupado pela Invasão do Ceub. Lá, em um pequeno barraco de papelão, moram Manoel Crispin da Silva, de 25 anos, e João Cabral, 54. Ao redor, estão vários latões velhos, alguns capots de automóvel e um cavalo branco que serve para puxar carroça.

Manoel mora em Brasília há 11 anos e veio do município paraibano de Souza, em companhia do pai, falecido há dois anos. Depois de trabalhar na roça por um bom tempo, Crispin agora se dedica ao ofício de carroceiro, recebendo por dia a quantia de Cr\$ 2 mil. Ele conta que poderia estar morando no barraco do irmão em Samambaia e que só não o fez porque é no Plano onde há maior facilidade de se arrumar trabalho. "O que eu vou fazer em Samambaia? Lá todo mundo é pobre como eu. Ninguém pode pagar por meu serviço", observou.

Enquanto Crispin se preparava para prender a carroça ao cavalo, o amigo João Cabral palitava os dentes. Ele está desempregado há um mês e pretende retornar ao trabalho de pedreiro. Cabral chegou a Brasília há 17 anos, procedente de Pinhancó, na Paraíba. Como Crispin, ele prefere morar no Plano do que em Samambaia, onde possui um barraco. João está magro e reclama de fortes dores no corpo. Disse ficar envergonhado de no momento não poder ajudar o amigo Crispin. "Estou muito mal de saúde e não tenho nem como procurar um médico", reclama.

Ainda no Plano Piloto, no gramado que divide o Eixão Norte do Setor Bancário Norte, existe um outro foco de miséria e desespero. Numa barraca de **camping** verde, azul e amarelo, mora Luiz Francisco Teixeira, de 39 anos, sua mulher, Oneida Lima de Souza, 22, grávida de nove meses e suas duas filhas, uma de três e outra de dois anos de idade.

Francisco e a mulher vieram para Brasília há 12 anos, depois de esgotadas as chances de emprego em Caruaru, Pernambuco. Eles já moraram em vários terrenos baldios do DF; já arrumaram uma diversidade de biscoites e agora se dedicam à montagem de carinhos de lata para crianças. Francisco conta que possui um terreno na localidade de Ponte Alta, perto do Gama, e que está à espera de material para começar a construir sua casa.



A pequena Tatiana e sua família chegaram há 15 dias de Irecê, interior da Bahia



Enquanto não constrói sua casa, Francisco mora com a família numa barraca